



# COMPLEXUS

• ENGENHARIA • ARQUITETURA • DESIGN

**Ano  
01**

**n.  
01**

**p.**

**189-198**

**Entrevista**

**Pedro Torrano: A Vida de um  
Engenheiro Arquiteto**

Instituto de Engenharia Arquitetura e Design –  
INSEAD

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio  
CEUNSP – Salto-SP



O PROJETO QUE NÃO FOR PARA UMA OBRA NÃO É PROJETO. NÃO ADIANTA VOCÊ FAZER UM DESENHO PARA FICAR NA PAREDE, VOCÊ DEVE FAZER UM DESENHO PRA EXISTIR, COM ERROS, ÓTIMO, NÃO FAZ MAL. TUDO QUE NÓS FAZEMOS NA VIDA POR MAIS CAPACIDADE, VAI TER UMA FALHA, VAI TER UM ERRO E VAI TER UMA MELHORIA. SE VOCÊ FOR COMPARAR HOJE COM UMA COISA QUE EU FIZ HÁ 10 ANOS, HOJE SERIA DIFERENTE...

## **Entrevista**

### **Pedro Torrano: A Vida de um Engenheiro Arquiteto**

Por Cláudio Lima Ferreira

Foto Cláudio Lima Ferreira

Entrevista realizada em 17 de novembro de 2009, Salto-SP

Com grande vivência nas áreas de arquitetura e engenharia, o Arquiteto e Engenheiro Pedro Torrano, nascido em São Paulo em 29 de junho de 1929 e formado pela Universidade Mackenzie na década de 50, em um período de constantes mudanças, principalmente com a consolidação do Modernismo no Brasil, mostra nessa entrevista sua infância, sua juventude, bem como a maturidade de anos de profissão refletidas em uma sólida carreira com experiências nacionais e internacionais. Podemos observar, nessa entrevista, uma linha de raciocínio que preza a razão, a lógica, a organização e a rigidez.

No artigo - *Razão, lógica, organização e rigidez: o processo de criação de um engenheiro arquiteto*, que se encontra contido nessa revista, é apresentado uma análise mais aprofundada sobre o processo de criação do Arq. Pedro Torrano, a partir de referências teóricas como: Cecília Almeida Salles e seus estudos sobre Crítica Genética, assim como os estudos de Edgar Morin sobre simplificação e complexidade.

#### **No seu processo de criação existe alguma marca de sua infância?**

Sim, porque eu tive uma criação onde a família é a coisa mais importante. Meu pai foi um homem que se dedicou à família, eu continuei no mesmo processo e passei para meus filhos. E com isso eu tenho muito apego a tradição. O respeito às coisas da família, as coisas do país, as coisas culturais. Isso influencia muito na minha profissão porque eu levo muito a sério minha profissão. Eu considero a minha profissão de arquiteto uma coisa nobre e respeito à ética profissional.

### **No seu processo de criação existe alguma marca de sua juventude?**

Eu acho que a marca seria essa organização. Eu acho que se eu não fosse arquiteto eu deveria ser militar. Porque tudo pra mim tem que ser em ordem tudo tem que ter razão.

### **Qual a influência de seus pais em sua profissão?**

A influência foi de minha mãe. Minha mãe tem descendência italiana e na época era um *status* para a família ter um profissional de grau universitário. Eu tinha tios médicos e outros parentes formados. Mas também, porque desde criança, eu falava que queria ser aquele engenheiro que desenhava e construía casa. Essa criação que eu tive, apesar de meu pai ter sido um homem muito liberal e minha mãe mais rígida.

Lembro-me quando eu me formei que meu pai disse uma frase que me marcou até hoje: *“Que o dia que ele soubesse que um filho dele com grau universitário era um mau profissional não seria filho dele”*.

### **Como foi seu período de faculdade?**

Eu entrei em um período em que a arquitetura e engenharia eram juntas. O Mackenzie, que foi a primeira faculdade de arquitetura de SP, começou em 1937. Mas quando eu entrei, em 1950, já havia uma tendência de separação. Nós tínhamos as matérias técnicas junto com a civil e as matérias especializadas na faculdade de arquitetura.

Nessa época, tínhamos três períodos de aula. De manhã, a parte técnica, de tarde, os laboratórios, os trabalhos de campo e a noite tínhamos as composições, que chamavam de projeto. E durante cinco anos nós detalhamos tudo. E a análise de projetos era feita pelo grupo de professores. Os nossos trabalhos eram entregues como se fosse para uma firma executar.

E da minha turma saíram grandes arquitetos, como hoje o Paulo Mendes da Rocha, que era meu colega de turma e era um elemento que a gente reconhecia que seria um diferente.

O Botti Rubin, que é uma das maiores firmas de arquitetura de São Paulo, é outro exemplo. Houve também Sampaio, Ubirajara Motta Lima, entre outros. E foi um grupo que saiu exatamente quando estava começando a arquitetura moderna e nós fomos os pioneiros e eu me orgulho muito, porque nós mudamos a realidade. Foi quando a gente começou a exigir das firmas que fizessem trabalhos e não repetissem aquilo que se fazia. Então nós começamos a mexer com esquadrias, com piso, com acabamento, com pintura. Mas para podermos mexer na indústria, nós apresentávamos detalhes.

A minha turma se reúne até hoje a cada cinco anos, e a gente vira criança novamente. Eu converso muito com o Paulo Mendes da Rocha e falo que os alunos aqui perguntam muito dele e eu digo que eu não conheço o Paulo Mendes da Rocha, mas sim o Paulinho e eu não sei o que ele fez. Rsr.

### **Como foram seus primeiros 10 anos de formado?**

Meu pai foi meu grande cliente, porque durante mais ou menos uns 10 anos eu só construí para meu pai. Ele tinha muitos terrenos e então eu consegui esculhambar muita coisa para aprender: ele foi meu grande professor e cliente.

### **Como é seu processo de criação?**

Eu sempre fui uma pessoa organizada, metódica nas coisas e isso influenciou muito nos meus projetos, que são totalmente detalhados. Eu não faço nada se não tiver início, meio e fim, e se não tiver uma razão. Eu evito fantasia. Eu não faço nenhum trabalho profissional se não tiver uma lógica.

Meu trabalho é muito detalhado. Hoje, muito distante de uma realidade, mas eu não mudei e acho que a verdade é essa.

Economicamente tive muitos prejuízos por essa rigidez, perdi muitos serviços por não mudar, por não transformar a profissão em um comércio, coisa que nunca aceitei.

### **Como é esta questão de organização?**

Eu não consigo trabalhar, eu não consigo dar uma aula se eu não organizar. Eu tenho um medo que alguém perceba que eu não sei, talvez seja isso!

### **Como é esta questão do controle?**

Meus projetos são muito resolvidos por isso. Eu não admito que nada seja resolvido em obra. Eu não admito que ninguém que não seja eu decida, ou seja, não é o encanador, não é o electricista, não é o mestre de obra quem decide, pois não é função deles executar. E para que eu faça isso que eu faço desde 1950, eu preciso preparar.

### **Quais são suas possíveis influências?**

Tenho muito respeito desde aquela época com Rino Levi, principalmente pelo detalhamento que ele fazia. Outro que a gente teve muito contato foi com o Artigas, o Ícaro de Castro Melo.

### **O senhor tem algum artista de referência?**

Bem, pode ser que eu admire o trabalho da pessoa, mas não é que mude meu modo de pensar. Acho que depois de certa idade, você cria já um padrão seu que é muito difícil você sofrer influência, a não ser que esse padrão não tenha base. Pode ser que intimamente influencie e eu não perceba. E dizer *aaaahhh* eu faço assim porque Niemeyer me influenciou... não, influenciou coisa nenhuma, para mim ele é apenas um homem que estava no lugar certo na hora certa, se tivesse diferente, talvez não fosse o que é hoje. Eu tenho uma concepção um pouco diferente desses figurões. Se você apertar um pouco, você vai ver que tem muita coisa que falta e, não é uma realidade nossa. Você não vai dizer que todas as obras dele são umas maravilhas, se falar isso é porque não entende de obra, não entende de projeto. Jogar um negócio e depois fica o que ficar - eu quero que você mostre um projeto e mostre que vai ficar assim e vai custar isso. Isso sim eu acho que é a função do arquiteto, não estou desrespeitando, apenas não tenho admiração porque é um figurão.

### **Como são suas etapas de criação?**

Processo de criação é o seguinte: eu comecei a adotar no momento que comecei a trabalhar com obra e perceber que tem que ter todo um histórico, porque se não você não chega a nada.

1º - Independente do cliente, eu vou conversando e cadastrando uma série de informações.

2º Depois, com esse cadastramento na mão, eu vou sozinho vou ver o terreno, porque eu acho que se você não conhecer o terreno você não está projetando nada. Aí eu vou sozinho, fico um bom tempo, analiso tudo. No meu cadastramento tem uma lista de itens que eu anoto. Então eu fico muito senhor do que eu tenho na mão, que é um lote de terreno. Conheço também a parte do entorno do terreno.

3º Posteriormente, eu vou atrás da documentação do terreno, porque pela documentação vão aparecer dados que muitas vezes o cliente nem sabe.

4º Conhecendo o terreno, eu exijo o levantamento topográfico, ou eu mesmo faço - eu tenho o aparelho, hoje eu já não faço mais nada, contrato e nessas exigências eu imponho o que eu quero, ou seja, não é o topógrafo que vai lá e levanta, eu do tudo o que eu quero, eu já conheço o terreno e exijo que apareça esses dados.

5º Depois eu exijo a sondagem, que eu quero saber onde estou pisando e com esses dois elementos na mão e com todo cadastramento estou com o ferramental para começar a pensar.

6º Depois de tudo isso, eu me tranco e não converso com ninguém e rabisco... rabisco... rabisco... Começo a pensar minha idéia e esses rabiscos... e não tenho mais contato com o cliente... O que ele tinha que falar já falou... eu faço o seguinte: colo na parede do escritório de 10 av15 folhas e vou embora. Isso faz parte da minha técnica. Eu volto no dia seguinte, começo a olhar e digo... que porcaria... que porcaria...que porcaria... vou jogando fora, vou rabiscando e em cima disso eu trabalho.

Geralmente, para uma obra, eu faço de 10 a 15 estudos para poder chegar a alguma coisa que eu acho que está dentro do que a gente vai apresentar.

7º Eu apresento para o cliente um estudo mais ou menos trabalhado. Esse estudo mostra o terreno, tipo estrutural, a parte de insolação, paisagismo e detalhamentos. Discuto com o cliente, em uma discussão que vai e volta, vai e volta.

8º Feito essa parte de estudos, eu me dedico à parte executiva. Começo o projeto que eu chamo de arquitetura, onde nós temos tudo: planta, corte, fachada, detalhamento e, em cima disso, eu desenvolvo os projetos de hidráulica, elétrica, de concreto. Se eu dou para algum colega fazer, eu comando o que ele faz, eu coordeno tudo e entrego para meu cliente o pacote pronto para o cliente executar a obra. Eu posso coordenar essa obra ou outro profissional... mas não se mexe uma linha.

9º Encima disso se faz o orçamento e cronograma de obra.

Então, há todo um encaminhamento, não é uma criação... uma fachada e está bonito... não. A última coisa que eu faço é fachada. Eu acho que a fachada é resultado de uma bela planta. Porque fachada, como dizia meu professor, vamos enfeitar o bolo da noiva. Eu começo a usar produtos, materiais muito bonitos, mas a estrutura lá... é uma pessoa bonita... mas podre por dentro.

### **A sua esposa influencia ou influenciou no seu processo de criação?**

Ela é ceramista e eu realmente adotei, desde os primeiros dias de trabalho, que ela desse palpite. Eu coloco ela como cliente para dar palpite. E tem palpite que ela me arrasa, de vez em quando, rsrs... e eu quero explicar e ela fala: eu não sou sua aluna, não me explique! Rsrs...

### **O Senhor viveu a experiência da repressão militar. O que isso alterou na sua vida? Onde isso reflete no seu projeto?**

Não sei se reflete, porque foi uma época em que eu vivi evidentemente angustiada porque eu tinha filhos na fase da faculdade, metidos a fazer bagunça e eu desesperado não adiantava falar. E no meu caso, como professor, eu dava aula no colégio Vocacional e era um ensino totalmente diferente, que mostrava para mocidade que não era “decoreba”. E nós estávamos lá e fomos presos. A gente era perseguido por ser professor. Isso criou um medo.

### **A repressão militar teve influência em alguma de suas obras?**

Uma das minhas grandes obras foi nessa época que foi o ginásio Vocacional de Rio Claro em que eu usei toda uma tecnologia e consegui reduzir o custo e conseguimos tirar uma estupidez que faziam no serviço público. Serviço público você tinha desenhos padrões. Escola A, escola B, Hospital C. Não se fazia projeto, só que nós estávamos numa época de ditadura e eu comecei a brigar para que não fizessem a escola A, B ou C e aí nos enfrentamos um elemento que era ligado aos militares. E a única proposta minha era que o senhor me deixe fazer o projeto todo e eu provo que a obra fica mais barata. E ele concordou. Foi uma obra que politicamente não interessava “o sistema vocacional” que os militares condenavam e nós provamos que a obra ficava mais barata, por causa da tecnologia. E aí a gente começa a vencer umas opressões, mas muito perigoso porque eu poderia ser preso, porque aí eu era considerado “comunista”, porque eu não fazia a escola que todo mundo fazia.

### **Como foi sua vida após esse período?**

Depois desse período, entrei para trabalhar em grandes empresas... e fui o responsável pela construção do Centro Empresarial –SP, na Marginal Tietê, em 1970, uma obra de sete anos com uso de novas tecnologias, com custos mais baixos.

O projeto foi feito por dois arquitetos e eles me adoravam porque eu era o diretor: eu que mandava na obra, e ainda eles encontram um diretor amigo, e não deixei mudar nada. Essas coisas, acho que pesa para gente, que influencia é a profissão, você tem um amor por aquilo. Você vê um homem detalhando, esses rapazes detalharam tudo, todos os móveis, todos os sistemas de luminárias. E depois vem um palhaço e fala AAAHHH mas é mais caro! Mais caro o que? Tanto que a construtora Alfredo Mathias, uma grande construtora de São Paulo, o velho Mathias me odiava, porque eu era o cliente... Rsrtrs.... eu pertencia a uma multinacional e ela que era dona da coisa e eu era o diretor técnico... Então tudo o que resolvia tinha que ser passado meu visto. Tivemos um trabalho bonito de

fundação de estrutura. Foi à primeira obra de concreto protendido, nós contratamos uma firma da Suíça, uma coisa maravilhosa!

Foi a briga pelo detalhamento aquilo, que é minha influência grande. O cara é arquiteto, não brinca, você é construtor, cala a boca, executa, sua função é executar não é discutir projeto.

### **E seus projetos modulares?**

Depois eu trabalhei 11 anos no Pão de Açúcar. Também foi um período muito bom. Quando eu entrei queriam criar um departamento de arquitetura, mas não queriam um arquiteto artista, queriam um arquiteto que projetasse e construísse. Eu tinha 60 pessoas ao meu comando entre engenheiros, arquitetos e desenhistas e tudo o que fiz no Pão de Açúcar, durante esses anos, foi feito sob o meu comando, de fins de 70 até início dos 90. Eu escrevi alguns livros sobre supermercado.

E era uma equipe que eu criei e vinham de setores. E para ser um subgerente meu, que era o cargo que comandava um setor, tinha que ser ou engenheiro ou arquiteto. E depois eu fui para outro setor que foi o Extra, fiquei algum tempo e foi à época que a família (Diniz) se dissolveu. Com isso dissolveram também todos esses departamentos ficando só o pessoal da manutenção.

E por uma coisa do destino, anos depois eles queriam contratar um arquiteto para dirigir terceirizando todos os trabalhos e esse arquiteto foi minha filha.

### **Dos seus projetos anteriores e hoje, mudaria alguma coisa?**

Mudaria um monte de coisa... A minha casa mesmo, a casa que vivo hoje, eu fiz a minha casa com a visão de um homem que viveu a vida inteira numa cidade grande como São Paulo, imaginando uma casa de campo e eu não fiz uma casa de campo, eu fiz uma casa da cidade no campo e hoje se eu fosse projetar, faria diferente, porque é outra vivência. Eu comecei a viver no interior, coisa que eu nunca vivi. Eu comecei a conhecer a natureza, coisa que eu nunca vivi. Hoje eu sou um homem do interior. Muitas coisas que para você era importante há uns anos atrás não é mais.

## **O senhor acha então que o processo de criação está sempre em constante mutação?**

Está... isso está... se você parar, você morreu, estagnou... hoje eu uso outras técnicas... outros materiais... então, obriga meu processo de criação continuar.

## **Como o senhor vê o profissional de arquitetura hoje?**

O que a gente tem sentido muito na vida profissional, é que o arquiteto passa a ser desrespeitado, principalmente no nível da obra, porque ele não consegue fornecer um detalhe e mostrar como se faz.

Eu estava em uma turma que estava criticando um arquiteto que está fazendo um conjunto de casas porque ele não consegue mostrar um detalhe. Ele fica criando problema em tudo que se apresenta e não dava solução. Então, isso eu acho muito negativo e eu brigo muito, porque nós arquitetos devemos liderar, nós arquitetos devemos comandar e eu sempre digo quem comanda uma obra é o arquiteto. O arquiteto não projeta - ele faz a obra, porque o projeto faz parte da obra.

## **Como é sua relação com as novas ferramentas de desenho?**

Eu se pudesse dinamitaria o CAD... rsrs... brincadeira... eu sempre falo para meus alunos que eles devem aprender a desenhar, a detalhar e depois ir para o CAD. Aí sim o CAD passa a substituir a régua paralela... Mas se não ele vai para o CAD e o CAD substitui a cabeça dele! Ele não tem a noção do que é um detalhe!